

A ideologia docente em *A reprodução*, de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron

Décio Azevedo Marques de Saes*

Resumo

Nesse texto procuramos analisar as teses sobre a ideologia docente apresentadas por Bourdieu e Passeron em *A reprodução*: a) a tese segundo a qual os professores oscilam, na sala de aula, entre a ideologia do dom e a ideologia do mérito pessoal; b) a tese segundo a qual, em última instância, a ideologia do dom tende a predominar sobre a ideologia do mérito pessoal na prática pedagógica. Chegamos à conclusão final de que os dois autores estão errados: a ideologia do mérito pessoal, na medida em que é assumida como discurso oficial pelo aparelho de Estado capitalista, deve consequentemente predominar na sala de aula.

Palavras-chave: *A Reprodução* – Pierre Bourdieu; ideologia do dom; ideologia do mérito pessoal.

The teaching ideology in *The reproduction*, by Pierre Bourdieu and Jean-Claude Passeron

Abstract

In this text, we try to analyze Bourdieu and Passeron's thesis on the teaching ideology presented in their work *The reproduction*: a) the thesis according to which teachers oscillate, in classroom, between the ideology of gift and the ideology of personal merit; b) the thesis according to which the ideology of gift ultimately tends to prevail over the ideology of personal merit in schooling. We come to the final conclusion that both authors are wrong: due to being assumed as the official speech of the capitalist State's apparatus, the ideology of personal merit must consequently prevail in the classroom.

Keywords: *The reproduction* – Pierre Bourdieu; ideology of gift; ideology of personal merit.

* Professor Titular pela UNICAMP; professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo.

La ideología docente en *La reproducción*, de Pierre Bourdieu y Jean-Claude Passeron

Resumen

En este texto, buscamos analizar las tesis de Bourdieu y Passeron acerca de la ideología docente en *La reproducción*: a) la tesis según la cual los maestros oscilan, en la clase, entre la ideología del don y la ideología del mérito personal; b) la tesis según la cual, en última instancia, la ideología del don prepondera sobre la ideología del mérito personal. Y llegamos a la conclusión de que los dos autores están equivocados: la ideología del mérito personal, en la medida en que es asumida como el discurso oficial del aparato del Estado capitalista, debe preponderar en la clase.

Palabras claves: *La reproducción* – Pierre Bourdieu; ideología del don; ideología del mérito personal.

A reprodução, de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, propõe uma teoria geral do campo pedagógico; e, a seguir, apresenta uma análise do sistema de ensino vigente na sociedade francesa contemporânea¹. Nesse livro os sociólogos da educação encontram à sua disposição todo um sistema concatenado de conceitos (Livro I: “Fundamentos de uma teoria da violência simbólica”), com os quais podem operar ou refletir criticamente; bem como um vasto elenco de temas (Livro 2: “A manutenção da ordem”) que, por sua pertinência, se tornaram praticamente incontornáveis na análise sociológica do processo educacional típico das sociedades capitalistas da atualidade.

Neste texto, procuraremos analisar tão-somente o modo pelo qual os dois autores caracterizam a ideologia veiculada pelos agentes do sistema de ensino de uma “sociedade industrial moderna” como a francesa². Se o fazemos é porque acreditamos

¹ Ver BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *La reproduction*. Éléments pour une théorie du système d’enseignement. Paris: Minuit, 1970. Existe uma edição em português (1975).

² Aqui, substituiremos o termo “sociedade industrial moderna” pelo termo “sociedade capitalista”, pois não há nenhuma evidência – não obstante o esforço analítico de autores como Ivan Illich ou outros – de que o funcionamento dos sistemas de ensino de sociedades industriais capitalistas e de sociedades industriais socialistas tenda a ser idêntico ou análogo. De Ivan Illich, consultar *Sociedade sem escolas*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

que há nessa análise alguns elementos que, em certas condições, poderiam ser incorporados por pesquisadores que não subscrevem – é o nosso caso – a teoria geral do campo pedagógico proposta pelos dois autores. Relembremos, antes de tudo, que para os dois autores, a classe social que exerce dominação especificamente sobre o campo pedagógico – a “fração intelectualizada da classe dominante” ou a “fração dominada da classe dominante”, conforme as expressões dos dois autores – induz o sistema de ensino ao cumprimento de duas funções: a) fazer com que as classes inferiores reconheçam a cultura dessa classe dominante como a única cultura legítima; b) ao mesmo tempo, impedir que as classes inferiores tenham acesso a tal cultura. Dentro do sistema de ensino, os professores são convocados a participar dessa dupla empreitada: induzir as classes populares a legitimar a alta cultura e, simultaneamente, marginalizar culturalmente essas classes, às quais não é dada a possibilidade de conservar e realimentar sua própria cultura³.

Um dos aspectos mais fascinantes de *A reprodução* é a caracterização do modo pelo qual os professores se convertem, de modo consciente ou não, em agentes da marginalização cultural das classes baixas. Cabe aos docentes a tarefa de converter, no espaço da sala de aula, os recursos culturais de natureza pré-escolar e extra-escolar, acumulados pelos alunos da classe dominante, em recursos propriamente escolares; essa conversão favorece regularmente os alunos da classe dominante na competição escolar com os alunos das classes inferiores. No cumprimento dessa tarefa, os docentes recorrem a práticas pedagógicas como o *discurso alusivo* (ou seja, a explicação que se apóia em conhecimentos prévios, detidos por uma minoria de alunos) ou a adoção rígida de um código lingüístico de elite (procedimento que marginaliza os alunos portadores de outras formas de linguagem). Uma vez caracterizado o alinhamento da prática pedagógica cotidiana com o modelo

³ Em *A reprodução*, há poucas evidências (algumas menções ao direito costumeiro, à medicina popular etc.) de que Bourdieu e Passeron valorizem, no plano teórico, o conteúdo da cultura popular. Na verdade, é a própria violência do processo de apropriação e de marginalização culturais, ao qual se submetem as classes baixas, que se delinea como o foco central do interesse teórico dos dois autores.

educacional elitista implementado pelo sistema de ensino, torna-se inevitável a pergunta: como os professores ocultam, para si mesmos e para os outros, o caráter elitista de sua prática pedagógica? Ou, numa linguagem mais teórica: Que ideologia se desenvolve no seio da categoria docente em função da necessidade objetiva de os professores ocultarem de si mesmos e da sociedade a verdadeira natureza de sua tarefa pedagógica?

Ideologia do dom x ideologia do mérito

Antes de fazer uma análise crítica sobre o modo pelo qual Bourdieu e Passeron caracterizam a ideologia docente, tal qual ela se reproduz na escola típica da sociedade industrial moderna, queremos apresentar as condições teóricas minimamente necessárias para um tratamento adequado do problema.

Vejamus a primeira condição. Deve-se ter em vista que a ideologia veiculada pelo professor, na sala de aula ou no conjunto do espaço escolar, tem de se compatibilizar com a ideologia emanada da totalidade do aparelho de Estado capitalista e, em particular, do ramo educacional do aparelho estatal capitalista. O corpo burocrático estatal se legitima, na sociedade capitalista, pelos princípios da cidadania e da competência: nos termos dessa ideologia igualitária e meritocrática, todos os cidadãos podem pleitear cargos no Estado e, portanto, representar a sociedade na busca do interesse geral, desde que possam comprovar sua competência para o desempenho do trabalho administrativo. Essa ideologia cimenta a coesão interna do corpo burocrático estatal; mas, além disso, ela é essencial para a reprodução da sociedade capitalista. Para que tal reprodução ocorra, é preciso que os princípios da cidadania e da competência se difundam pelo conjunto da sociedade, convencendo especialmente as classes trabalhadoras de que esses valores regem o funcionamento não apenas do Estado como também de outras instituições sociais (empresa, escola etc.). Já para a burocracia educacional (Ministério da Educação, Secretarias da Educação, Coordenadorias ou Delegacias de Ensino, direção de escolas públicas), é essencial a difusão social da idéia de que a educação, na sociedade capitalista, está aberta a todos (princípio da cidadania); e de que, nas

atividades escolares, leva-se fundamentalmente em conta o mérito dos dois termos da relação pedagógica: o professor e o aluno (princípio da competência). A ideologia da cidadania e da competência desce, portanto, do conjunto do aparelho de Estado capitalista e do ramo educacional do aparelho estatal capitalista na direção da escola, seja ela pública ou privada, e converte-se, dentro da instituição escolar, na moldura ideológica que enquadra as práticas docentes⁴.

Passemos agora à segunda condição teórica necessária a um tratamento adequado do tema. O pesquisador deve ter em mente que a ideologia dos professores não pode ser apresentada como a negação da ideologia da classe social à qual pertence, por sua posição na divisão capitalista do trabalho, a categoria profissional docente. A análise da ideologia docente deve, na verdade, buscar, não uma contradição, mas a conexão existente entre a ideologia profissional e a ideologia de classe. Os professores, enquanto trabalhadores não-manuais, pertencem à classe média. Seu trabalho pode ser mecânico e repetitivo (nesse caso, estamos diante do professor-repetidor) ou criador (nesse caso, pode-se dizer que o professor é um “intelectual” no sentido restrito da palavra). Em qualquer dos dois casos (o do professor-repetidor e o do professor criador)⁵, a tendência ideológica prática dos professores con-

⁴ A reprodução da ideologia da cidadania e da competência não ocorre apenas na escola pública. Nas sociedades capitalistas onde o modelo de relação entre escola pública e escola privada é o da “equiparação” ou “equivalência” (a escola privada sendo avaliada pelo Estado capitalista conforme a distância que ela mantém com relação ao modelo público de ensino), tal ideologia desce da burocracia educacional de Estado ao aparelho escolar privado; nas sociedades capitalistas onde o ensino privado tem mais autonomia diante do ensino público, a influência ideológica do Estado capitalista sobre as escolas particulares não deixa de existir, mas ela se exerce de modo mais indireto: os princípios inspiradores do direito estatal e da organização burocrática estatal descem até as instituições privadas por meio de um processo de “condicionamento a distância” e de “pressão difusa”.

⁵ É presumível que a presença do professor-criador seja mais freqüente nas instituições escolares onde se desenvolve a pesquisa científica – por exemplo, na Universidade – e que nos níveis elementares de ensino predomine a figura do professor-repetidor. Mas isso depende, em última instância, da configuração do aparelho educacional de cada país capitalista. Na França do século XX, o rigoroso processo de formação de professores permitiu, por exemplo, que autores como o historiador Georges Lefèvre e o estudioso de literatura Gustave Lanson escrevessem boa parte de sua obra na época em que eram professores de liceu; isto é, antes de sua entrada na Sorbonne (ensino superior).

siste em defender os interesses do conjunto dos trabalhadores não-manuais, que buscam valorizar-se econômica e socialmente aos olhos da classe capitalista, em detrimento da classe dos trabalhadores manuais. A ideologia profissional dos docentes não pode negar essa disposição ideológica profunda que envolve todos os trabalhadores não-manuais, dentre eles os professores. Ao contrário: enquanto dispositivo ideológico de segundo grau, ela desempenha o importante papel de ocultar, dos professores e do resto da sociedade, a profunda orientação ideológica de suas ações.

Uma vez apresentadas as condições teóricas básicas necessárias à análise da ideologia docente na sociedade capitalista, devemos apurar se elas são levadas em conta – e em que grau – por Bourdieu e Passeron. A rigor, se a conexão ideológica entre o aparelho de Estado capitalista e o aparelho educacional não for suficientemente tematizada – até por força do modelo de análise da vida social global presente em *A reprodução* –, a existência de conexões entre a ideologia geral do sistema de ensino e a ideologia docente, de um lado, e entre a ideologia da classe média e a ideologia docente, de outro lado, é devidamente apontada pelos dois autores. A esse respeito, a formulação abaixo é lapidar:

Se as práticas pedagógicas ou as ideologias profissionais dos professores jamais são direta e completamente redutíveis ou irreduzíveis à origem e ao pertencimento de classe desses agentes, é porque, como a história escolar da França demonstra, elas exprimem, por sua polissemia e polivalência funcional, a coincidência estrutural entre o *ethos*, que os agentes devem à sua classe social de origem e de pertencimento, e as condições de atualização desse *ethos*, que estão objetivamente inscritas no funcionamento da instituição e na estrutura de suas relações com as classes dominantes⁶.

Para os fins práticos da análise da ideologia docente, essa formulação teórica é suficiente. Ainda que o papel ideológico geral do aparelho de Estado capitalista não seja diretamente abordado, a ideologia estatal se faz presente na análise, de modo

⁶ Ver BOURDIEU; PASSERON, *La reproduction*, cit, p. 238-239. Tradução nossa.

indireto e refratado, por obra da menção à ideologia do aparelho educacional, da qual ela é a matriz. Na sala de aula, o professor atua como representante ideológico da classe média, promovendo, por meio de práticas pedagógicas de cunho elitista, a valorização relativa dos trabalhadores não-manuais e a desvalorização relativa dos trabalhadores manuais. Essas práticas, porém, são recobertas com a ideologia do mérito, que apresenta a escola como um espaço de reconhecimento dos esforços pessoais. Impregnado dessa ideologia, o professor se vê, ele próprio, como detentor de um elevado mérito pessoal, que o credencia para o exercício da profissão docente e como agente de reconhecimento dos méritos pessoais dos alunos.

Se Bourdieu e Passeron tivessem, em *A reprodução*, encaminhado a análise da ideologia docente na sociedade capitalista exclusivamente nessa direção teórica, não haveria nenhuma razão de monta para darmos seqüência à abordagem crítica desse aspecto da obra. Ocorre, entretanto, que, encetando um caminho diverso daquele sugerido por sua própria formulação, os dois autores mencionam, referindo-se ao professorado do ensino superior, o “sincretismo da moral universitária”, e sugerem que os professores vivem permanentemente numa *situação de dualidade ideológica*. Tal dualidade não significa que os professores veiculam simultaneamente, em sala de aula, duas ideologias docentes de conteúdo diverso e, sim, que eles podem oscilar de um pólo ideológico a outro, como se cada variante de ideologia docente fosse uma arma suscetível de ser utilizada, alternadamente, no trabalho pedagógico.

Em que consistem essas duas ideologias docentes? A primeira delas é a ideologia que impregna todo o sistema de ensino e, como tal, também se exprime, dentro da sala de aula, na relação entre professor e aluno. Trata-se da ideologia da competência adquirida (ou ideologia do mérito pessoal), segundo a qual todo aquele que empreende um grande esforço pessoal e se aplica nos estudos adquire a competência necessária para ser bem-sucedido na vida profissional. A segunda ideologia para a qual se inclinam os professores na sala de aula é radicalmente diferente da ideologia da competência adquirida e, poderíamos

dizer, até mesmo o seu contrário. Trata-se da ideologia do dom, segundo a qual a capacidade intelectual não é uma qualidade que todo indivíduo pode adquirir por meio do esforço pessoal e do estudo, e, sim, um atributo concedido desde o nascimento, de modo irreversível e intransferível, a certos indivíduos. Sublinhe-se a conexão, estabelecida pela ideologia do dom, entre o caráter nato e a raridade dos atributos intelectuais; se tais atributos não podem ser adquiridos pelo esforço pessoal, eles só vão se manifestar em alguns poucos indivíduos, favorecidos por algum fator cuja natureza permanece obscura. Para Bourdieu e Passeron, os professores, quando impregnados da ideologia do dom, sentem-se portadores de um carisma singular, e supõem que, no seu trabalho pedagógico, manifesta-se uma inspiração de origem algo obscura, capaz de multiplicar a eficácia de toda a ação de transmissão de conhecimentos.

É importante esclarecer que, se Bourdieu e Passeron apresentam a ideologia do mérito pessoal e a ideologia do dom como duas armas a que o professor pode recorrer, alternadamente, na sala de aula, eles não dão o passo teórico seguinte, isto é, não definem teoricamente em que condições específicas da prática pedagógica o professor tende a veicular uma ou outra variante da ideologia docente. Essa indefinição instaura objetivamente a equivalência entre as duas ideologias docentes na prática pedagógica. Ora, há certa incongruência na admissão dessa equivalência, já que os dois autores reconhecem, num plano teórico mais geral, que a ideologia do mérito pessoal tem um papel central no funcionamento de todo o sistema de ensino; e deveriam admitir, conseqüentemente, que ela também ocupa o lugar principal na implementação da prática pedagógica. Essa incongruência se agrava quando Bourdieu e Passeron superam a admissão da mera equivalência entre as duas ideologias docentes na prática pedagógica e sustentam, num grau acima, que é finalmente a ideologia do dom que tende a predominar na sala de aula. Em *A reprodução*, depois de sublinhar a importância da “ideologia da ascensão laboriosa” (isto é, da “justificação ética pelo mérito”) no funcionamento do sistema de ensino, os dois autores afirmam que tal ideologia está “[...] quase sempre dominada pela ideologia bur-

guesa da graça e do dom”.⁷ E em “A excelência e os valores do sistema de ensino francês”, Bourdieu afirma:

[...] a predominância dos valores carismáticos sempre se afirma em medida suficiente de modo a imprimir a todas as reivindicações propriamente escolares um caráter envergonhado e culpado⁸.

Neste ponto, só nos resta perguntar aos dois autores: como pode um sistema de ensino que se credencia junto à sociedade por proclamar sua fidelidade ao princípio do mérito funcionar eficazmente se seu pessoal docente, em sala de aula, vangloria-se de seu carisma pessoal e difunde, para um auditório de massa, a ideologia exclusivista do dom? A nosso ver, essa hipótese é ilógica. No quadro das sociedades capitalistas, que tendem a se apresentar às massas como “sociedades abertas” onde vigora a igualdade de oportunidades, a ideologia do mérito pessoal é aquela que predomina em sala de aula, alimentando uma atitude de respeito pelos estudos, mesmo entre aqueles que, por serem destituídos de capital cultural, tendem ao fracasso escolar e à trajetória escolar curta. A ideologia do dom, ao invés de estimular os alunos ao trabalho escolar, inibiria seu esforço pessoal e a sua aplicação aos estudos, pois garantiria antecipadamente que só alguns indivíduos, professores ou alunos, dispõem das qualidades necessárias ao desempenho de atividades intelectuais. Convém agregar, abandonando provisoriamente o terreno da sala de aula, que poucos professores, em sua relação com as instâncias dirigentes do aparelho escolar, sentir-se-iam tentados – pelo menos em situações relativamente estáveis da vida escolar – a se vangloriar de seu carisma. Esse tipo de discurso desqualificaria o professor ao atribuir suas qualidades ao acaso e não à sua energia, ao seu senso de responsabilidade e à sua iniciativa. Mais especificamente: a dimensão burocrática do trabalho pedagógico – dimensão essa que o professor tem interesse em lembrar sempre a seus superiores hierárquicos – seria desmoralizada caso o

⁷ Ver BOURDIEU; PASSERON, *La reproduction*, cit., p. 242.

⁸ Ver BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 255, nota 41.

professor, em sua relação com as instâncias dirigentes do aparelho escolar, substituísse o discurso do mérito pelo discurso do carisma professoral. Como diz Weber:

Em contraste com qualquer tipo de organização burocrática, a estrutura carismática desconhece uma forma ou um processo ordenado de nomeação ou demissão. Ignora qualquer “carreira”, “progresso” e “salário” regulares, ou o treinamento especializado e regulamentar do portador do carisma ou de seus auxiliares⁹.

Nosso ponto de vista geral sobre as ideologias docentes é, portanto, o de que, nas sociedades capitalistas, a ideologia do mérito predomina, não só no funcionamento geral do sistema de ensino, mas também nas práticas pedagógicas em sala de aula; já Bourdieu e Passeron, em *A reprodução*, oscilam entre a suposição da equivalência entre as duas ideologias docentes no espaço da sala de aula e a afirmação de que a ideologia do dom e a crença no carisma professoral tendem a predominar na prática pedagógica. Mas é interessante mencionar que, em outra obra – *Les héritiers* –, Bourdieu e Passeron reconhecem, de passagem, que o professor não tem como sustentar, em sala de aula, que só os portadores do dom terão êxito escolar e profissional, pois um discurso desse tipo desmoralizaria toda a atividade pedagógica. Os dois autores ressaltavam, no entanto, que o professor tem a possibilidade concreta de compartimentar seu discurso em sala de aula, reservando para si próprio a condição de portador do dom e propondo aos alunos a ascensão por meio do esforço pessoal¹⁰. A nosso ver, essa versão moderada da tese sobre a predominância da ideologia do dom na prática pedagógica apresenta o mesmo tipo de problema já detectado na versão anterior. A nova formulação de Bourdieu e Passeron não leva em conta que o professor transmite ideologia

⁹ Ver WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*, 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982. p. 284.

¹⁰ Ver BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Les héritiers; les étudiants et la culture*. Paris: Minit, 1964. p. 107: “[...] decorre de sua moral e de sua moral profissional que eles [os professores] tomem por dons pessoais as aptidões que adquiriram de modo mais ou menos laborioso, e que imputem ao ser dos outros as aptidões adquiridas e a aptidão para adquirir aptidões [...]”. (Tradução nossa.)

aos alunos, não só pelo discurso explícito, mas também, e sobretudo, por seu exemplo pessoal. O professor que se apresentasse aos alunos como alguém naturalmente investido de um dom, e não como um trabalhador da ciência e da cultura, estaria contribuindo para a desmoralização das atividades de estudo paciente e sistemático e, portanto, para o questionamento da própria função oficial da escola.

Nosso ponto de vista suscita, porém, uma interrogação: estaríamos porventura sugerindo que a ideologia do dom e o discurso do carisma professoral não têm, à sua disposição, nenhuma via de acesso ao mundo escolar? Para respondermos a essa questão, temos de relembrar a verdadeira natureza da ideologia do dom, tal qual ela aparece em *A reprodução*. Bourdieu e Passeron identificam o sentimento de posse nata de um dom com o sentimento de posse nata do carisma. Como os dois autores retiraram esse conceito da obra de Weber (que, por sua vez, afirma tê-lo retirado da obra de Rudolf Sohm), é interessante apresentar aqui uma definição sintética de “carisma” na acepção weberiana:

Weber chama carisma [...] a qualidade insólita de uma pessoa que parece dar provas de um poder sobrenatural, sobre-humano ou pelo menos desusado, de sorte que ela aparece como um ser providencial, exemplar, ou fora do comum e por essa razão agrupa em torno de si discípulos ou partidários. O comportamento carismático não é peculiar apenas à atividade política, pois pode ser igualmente observado nos outros campos, os da religião, da arte, da moral e mesmo da economia [...] ¹¹.

Uma vez qualificada a ideologia do dom com a ajuda do conceito weberiano de carisma, coloca-se a questão: qual é a natureza de classe dessa modalidade específica de ideologia? Bourdieu e Passeron, ao mesmo tempo em que definem a ideologia do mérito como uma ideologia pequeno-burguesa (vale

¹¹ Essa definição foi extraída da obra de FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro-São Paulo: Forense, 1970. p. 175.

dizer, uma ideologia típica da fração dominada ou intelectualizada da classe dominante), atribuem à ideologia da graça e do dom um caráter burguês, ou mesmo grão-burguês¹². De nossa parte, acreditamos que, para caracterizar a verdadeira natureza social da ideologia da graça e do dom, temos de recorrer ao conceito de “invariante ideológico de classe”, proposto por Alain Badiou: tal conceito designa certas idéias que são comuns a todas as classes que ocupam, nos diferentes tipos históricos de sociedade, uma posição análoga: seja a posição de classe dominante, seja a posição de classe dominada¹³. Assim como, para Badiou, o igualitarismo é o invariante ideológico das classes dominadas, ao longo da história das sociedades humanas, a ideologia do dom é, a nosso ver, um invariante ideológico das classes dominantes; isto é, um argumento permanentemente a favor da idéia de que a desigualdade social é um fenômeno natural e, portanto, inevitável. Ora, esse argumento pode irromper em múltiplos planos da vida social e em diferentes tipos históricos de sociedade, produzindo invariavelmente o efeito de legitimação da desigualdade social. Personalidades que ocupam uma posição de destaque nos mundos político, artístico, esportivo etc. recorrem, com muita freqüência, à ideologia do dom para justificar uma superioridade esmagadora num terreno específico de atividade; desse modo, atribuem a si próprias uma “genialidade” que serve para ocultar longos anos de aprendizagem e, portanto, para desestimular os concorrentes. A irrupção da ideologia do dom na vida social, além de propiciar uma elevação do prestígio social àquele que proclama a origem sobrenatural de seus talentos, produz um efeito social mais amplo: o de intimidar muitos membros das classes populares que aspiram conquistar um lugar de destaque na sociedade, contando apenas com sua vontade e seu esforço para atingir tal objetivo.

Voltemos à análise do mundo escolar. A ideologia do dom pode irromper, em certas condições, dentro do espaço escolar;

¹² Ver BOURDIEU; PASSERON, *A reprodução*, cit., p. 242.

¹³ Esse é um dos conceitos centrais da obra de BADIOU, Alain. *De l'idéologie*. Paris: François Maspero, 1976.

porém, não na sala de aula, isto é, na relação pedagógica entre professor e aluno. Assim, por exemplo, no terreno da relação de concorrência com seus colegas, o professor poderá se vangloriar da posse de algum dom de origem obscura, explicando, por essa via, aquilo que lhe parece ser uma atuação profissional de caráter excepcional, superior ao desempenho médio dos colegas. Ele intui que não poderá extrair nenhuma vantagem econômica dessa autodefinição; afinal, a sociedade capitalista tende a premiar os desempenhos intelectuais excepcionais por sua raridade, e não por serem supostamente causados por algum fator sobrenatural. De qualquer modo, esse docente aspira a ser, pelo menos, premiado com a elevação do seu prestígio social. O professor também pode se sentir tentado a incorporar o discurso do dom no momento em que entra em relação com a comunidade externa; tal discurso lhe permite, por exemplo, justificar sua obstinação em permanecer na carreira docente mesmo quando o contexto socioeconômico (estagnação salarial, degradação do equipamento, queda do prestígio social) lhe é amplamente desfavorável¹⁴. Em casos como esse, o professor está tentando se servir da ideologia do dom como um meio de evitar que o declínio do *status* profissional do docente se converta em degradação do seu *status* pessoal.

Podemos agora apresentar, de modo mais sistemático, nossa posição teórica sobre as ideologias docentes na sociedade capitalista. No plano de suas relações *verticais*, o professor tende a exteriorizar seu apelo à ideologia do mérito pessoal. Analisemos, em primeiro lugar, a relação do professor com seus superiores: diretor da escola, burocracia educacional do aparelho de Estado capitalista. Nesse plano, o professor só pode se legitimar pela submissão a procedimentos meritocráticos (concursos públicos, avaliações de carreira) que comprovem seu esforço pessoal no desempenho da atividade pedagógica. Apresentar-se

¹⁴ Essa última postura professoral foi detectada por Maressa Tosetti Crespo Masson nas entrevistas que realizou com professores da rede pública estadual. A pesquisa de campo sobre ideologias docentes é o eixo de sua dissertação de mestrado *O perfil ideológico do docente da rede pública estadual: um estudo de caso*, apresentada à Faculdade de Educação e Letras da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

como portador do dom ou do carisma perante os superiores só poderia fragilizar sua posição, já que, como nos mostrou Weber, o carisma é incomensurável e não quantificável, o que inviabiliza que ele seja recompensado materialmente. Em segundo lugar, mencionemos, ainda uma vez, os limites ideológicos que pesam sobre a relação do professor com seus alunos. Na sala de aula, o professor só pode estimular o esforço pessoal e a aplicação de todos; fazer a apologia do dom de alguns poucos seria um incentivo ao ócio e ao desinteresse da maioria.

No plano de suas relações *horizontais* (isto é, das relações com os demais docentes e com a comunidade externa), o professor pode recorrer à ideologia do dom para reforçar seu *status* pessoal dentro da corporação profissional ou para impedir que a degradação do *status* profissional contamine seu *status* pessoal.

É interessante especular, para fins de exercício intelectual, sobre os fatores intelectuais que distanciam Bourdieu e Passeron de nosso esquema de análise das ideologias docentes na sociedade capitalista. Se os dois autores tendem a subestimar a importância da ideologia do mérito em benefício da ideologia do dom, isto se deve, antes de tudo, ao fato de que, em *A reprodução*, a análise das ideologias docentes tende a se concentrar na prática pedagógica e na sala de aula; fica, assim, esmaecida a conexão ideológica entre a prática docente, o aparelho educacional do Estado capitalista e o conjunto do aparelho de Estado capitalista. Essa linha de análise está sem dúvida relacionada à orientação assumida por ambos na construção da teoria geral do campo pedagógico; portanto, a abordagem crítica das teses de Bourdieu e Passeron sobre as ideologias docentes só poderia se completar com o exame crítico dessa teoria.

Há, no entanto, a nosso ver, um segundo fator que compele os dois autores a suporem que a ideologia do dom possa estar presente na sala de aula. Tendo feito pesquisas de campo sobre ideologias docentes em faculdades de Letras, Bourdieu e Passeron parecem transpor para o âmbito da ideologia docente o que é conteúdo do ensino. Nos cursos de Letras, os professores, ao abordarem os autores clássicos, freqüentemente se referem às suas qualidades excepcionais, supostamente decorrentes de um dom

pessoal e intransferível, cuja natureza permanece obscura. Ora, a tendência dos professores de Letras a detectarem uma “genialidade” cientificamente mal definida nos grandes nomes da literatura talvez tenha levado os dois autores a crer, erroneamente, que o professor acabe, ele próprio, por se ver como um ser dotado de um dom pessoal e intransferível. Na realidade, não é isso que acontece: para o professor, autores como Shakespeare, Racine e Goethe são indivíduos excepcionais, aos quais seria inútil dar os conselhos que, no cotidiano escolar, os mestres dão aos alunos. O professor de literatura não é ingênuo ou, inversamente, pretensioso a ponto de se igualar aos autores clássicos. Para ele, a emergência de um “gênio” da literatura é um processo que só ocorre em circunstâncias excepcionais e seria, portanto, pouco razoável igualar, do ponto de vista da inspiração, uma intervenção pedagógica e a produção de um monumento literário.

O aparelho educacional capitalista e a ideologia das aptidões naturais

Temos agora de abandonar, pelo menos por um momento, o texto de Bourdieu e Passeron, para introduzir em nossa reflexão teórica um tema conexo ao tema das ideologias docentes: a presença de uma terceira variante de ideologia no aparelho educacional capitalista. Referimo-nos à ideologia das aptidões naturais, cuja influência se fez sentir tanto nas ações que levaram à instauração da escola pública quanto naquelas que conduziram à organização do processo de trabalho na grande indústria moderna.

A ideologia das aptidões naturais não é idêntica à ideologia do dom. Esta se refere a qualidades psicológicas e intelectuais de origem imprecisa, obscura ou mesmo sobrenatural; e supõe que o impacto social da atribuição do dom a um indivíduo determinado depende estreitamente do clima de mistério que cerca sua origem. Não é por acaso que Bourdieu e Passeron recorrem ao conceito weberiano de carisma para caracterizar a ideologia do dom. Em Weber, quando um grupo atribui a posse do carisma a um indivíduo, ele o está vendo como portador de qualidades de origem “mágica”, pessoais e intransferíveis; na visão do grupo subjugado ao carisma de uma liderança, tal qualidade não se transmite de pai

para filho. Ora, a ideologia das aptidões naturais exprime uma crença bem diferente desta: ou seja, a crença de que qualidades intelectuais são adquiridas basicamente pela via da transmissão genética. Nessa perspectiva, as aptidões intelectuais são qualidades hereditárias, resultando de um patrimônio genético favorável.

Convém lembrar que, no século XVIII, a palavra “aptidão” tinha um significado similar ao da palavra “dom”: um atributo intelectual concedido por Deus a alguém. Já em meados do século XIX, o desenvolvimento da biologia, com Francis Galton, revoluciona o uso da palavra “aptidão”: ela passa a designar de modo predominante os atributos mentais transmitidos hereditariamente, isto é, por via genética¹⁵. A idéia de que as aptidões mentais são transmitidas por via hereditária vai conquistar o topo do aparelho de Estado, não por acaso, no momento (fim do século XIX) em que se implanta a escola pública, apresentada à sociedade como “escola única”. Boa parte da burocracia do aparelho de Estado capitalista e da burocracia educacional vai se inclinar para a ideologia das aptidões naturais, agora fundada na genética, utilizando-a como dispositivo de legitimação do caráter socialmente seletivo imediatamente assumido pelo sistema de educação pública em vias de implantação. Ou seja, a ideologia das aptidões vai ser utilizada para descaracterizar as desigualdades de classe como a verdadeira causa das diferenças de desempenho dentro da escola pública. Essas diferenças são apresentadas, em tom científico, como decorrência da desigualdade de patrimônio genético. E pesquisas encomendadas pelo Ministério da Educação, na França, buscam comprovar que os maus resultados obtidos por alunos pobres resultam de um patrimônio genético modesto que os condena de modo inapelável à realização de trabalhos braçais.

Foi esta ideologia, e não propriamente a ideologia mística do dom, que a intelectualidade burguesa tentou impor, do alto (isto é, por meio da burocracia ministerial), à escola pública,

¹⁵ Esta parte de nosso trabalho é amplamente baseada no importante estudo de Noëlle Bisseret, “A ideologia das aptidões naturais”. Esse artigo faz parte da coletânea organizada por José Carlos Garcia Durand, *Educação e hegemonia de classe; as funções ideológicas da escola*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

desde a sua implantação no fim do século XIX. Dentro do espaço escolar, essa ideologia típica da classe dominante entrou desde logo em choque com a ideologia de classe e profissional dos professores: a ideologia da competência adquirida (ou do mérito pessoal). Os professores, em sua maioria, não poderiam aceitar a tese de que o fator genético destina uma minoria de pessoas às atividades intelectuais e condena inapelavelmente a maioria social às atividades braçais. Na verdade, aceitar essa versão fatalista da aquisição da inteligência e do talento equivaleria a contribuir para a degradação do seu próprio *status* profissional. A luta ideológica entre classe dominante e classe média no espaço escolar tem sido amplamente vencida pela classe média, o que corresponde às necessidades objetivas do processo de reprodução do capitalismo; caso a ideologia burguesa das aptidões naturais se convertesse na postura oficial do aparelho de Estado capitalista, do seu ramo educacional e da escola, essas instituições entrariam em crise de legitimidade. Mas essa variante de ideologia não foi completamente expulsa do aparelho escolar; ela tem sido confinada em nichos específicos da vida escolar, como a orientação vocacional (em que o psicólogo se lança expressamente na busca dos mais inteligentes, para alçá-los aos postos mais elevados da vida social) e a educação física (em que o professor-treinador busca atletas entre os alunos praticantes de exercícios físicos). Mas é teoricamente difícil admitir que a ideologia das aptidões naturais possa se evadir desses nichos e se espalhar para as salas de aula, onde a ideologia da competência adquirida domina simultaneamente como ideologia da classe média e como ideologia profissional da categoria docente.

Cabe agora lembrar que a ideologia das aptidões naturais teve importância não apenas no processo de instauração da escola pública como também na organização do processo de trabalho industrial. Frederick Winslow Taylor, autor dos *Princípios da administração científica* e pai do chamado “taylorismo”, é um defensor sistemático e explícito da ideologia das aptidões naturais fundada na genética. Para Taylor, cada indivíduo adquire, por via hereditária, aptidão para um tipo específico de tarefa; e as aptidões assim adquiridas não se diferenciam apenas em grandes

blocos, como as aptidões para o trabalho intelectual, de um lado, e as aptidões para o trabalho braçal, de outro. Na verdade, os indivíduos adquirem geneticamente aptidões mais específicas que a mera aptidão genérica para o trabalho manual. Assim, por exemplo, alguns indivíduos adquirem estritamente a aptidão para carregar pesos, enquanto outros indivíduos se revelam exclusivamente aptos para tarefas que exigem velocidade; outros, ainda, se distinguem por sua capacidade de se manterem atentos e de evitarem a distração. Taylor conclui que cabe aos dirigentes fabris descobrir a aptidão individual, adquirida geneticamente, de cada trabalhador; só assim poderão colocar cada operário na tarefa adequada, contribuindo, desse modo, para o aumento da produtividade do trabalho fabril e, conseqüentemente, para a elevação do lucro do patrão e do salário do operário.

Pode-se constatar que a prática do taylorismo no mundo fabril e a difusão da psicologia diferencial na orientação vocacional são as duas faces da mesma moeda; ambas representam a imposição da mesma ideologia das aptidões naturais a dois espaços institucionais diferentes: a empresa e a escola. Há, entretanto, uma diferença de amplitude entre esses dois processos: se o taylorismo pôde se tornar uma prática corrente e mesmo dominante em certa fase do capitalismo (aquela dominada pela indústria metal-mecânica), o corpo ideológico subjacente à psicologia diferencial jamais poderia ter abandonado seu nicho (a orientação vocacional) e se espreado para o conjunto do aparelho escolar, na direção da sala de aula¹⁶.

Podemos agora voltar ao texto de Bourdieu e Passeron; mas fa-lo-emos tão-somente para especular sobre as possíveis razões teóricas da ausência da ideologia das aptidões naturais na análise dos dois autores sobre o sistema de ensino da França contemporânea. Essa variante de ideologia pode ter chegado a seu grau máximo de difusão social e de influência política com o nazismo; no entanto, ela pode voltar a emergir em outros contextos históricos, em função do desenvolvimento da pesquisa

¹⁶ Ver TAYLOR, Frederick Winslow. *Princípios da administração científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1976.

genética. Naturalmente, para que isso ocorra, a pesquisa genética deve produzir resultados que, ainda que incertos ou duvidosos, sejam suscetíveis de incorporação à esfera ideológica.

No momento atual, o aparelho científico dos países capitalistas avançados lança-se crescentemente em pesquisas sobre o DNA; nesse novo quadro, a contribuição de Francis Galton vai sendo rediscutida e as teses sobre a origem genética das aptidões intelectuais fazem seu retorno com força crescente. Quando se conhece a elevada envergadura intelectual de Bourdieu e Passeron, não se pode supor que a ausência da ideologia das aptidões naturais na análise do sistema de ensino se deva à negligência científica dos dois autores. Talvez a principal razão teórica para que Bourdieu e Passeron elejam o discurso do carisma professoral, e não a ideologia das aptidões naturais, como a principal força de oposição à ideologia do mérito pessoal dentro do espaço escolar seja sua atitude de cautela científica diante da tese, em ampla circulação nos laboratórios, de que as aptidões mentais derivam do DNA de cada indivíduo. Na “Conclusão” do livro *Les héritiers*, os dois autores ponderam que a desigualdade natural dos dons, provocada pela transmissão genética, talvez exista; mas, ao mesmo tempo, denunciam a exploração ideológica dessa desigualdade na legitimação das desigualdades sociais. Afirmando os dois autores:

Portanto, não é conveniente ter-se certeza do caráter natural das desigualdades que se constata entre os homens numa situação social dada; e, nesse terreno, enquanto não se tiver explorado todas as vias por meio das quais agem os fatores sociais da desigualdade e não se tiver esgotado todos os meios pedagógicos de superação de sua eficácia, será melhor ter mais dúvidas que menos¹⁷.

Bourdieu e Passeron intervêm, portanto, de passagem, num terreno científico ainda nebuloso, sem conseguirem convencer o leitor de que sua tomada de posição baseia-se num amplo conhecimento da matéria. A favor dos dois autores, entretanto, deve-

¹⁷ Ver BOURDIEU; PASSERON, *Les héritiers*, cit, p. 103, nota n. 1.

se fazer duas ponderações: a) sua tomada de posição é cautelosa: isto é, parece referir-se mais a uma hipótese fecunda que a uma tese indiscutível; b) seu posicionamento político diante das descobertas proclamadas pela pesquisa genética é de cunho democrático, e não conservador: para Bourdieu e Passeron, no caso de as hipóteses da pesquisa genética se confirmarem, é imperativo projetar medidas que reduzam ao máximo os efeitos sociais de toda diferença natural entre os homens.

De qualquer modo, pode-se dizer que a convicção pessoal dos dois autores sobre a influência dos fatores genéticos na vida intelectual funciona, em *A reprodução*, como um “obstáculo epistemológico” que bloqueia a tematização da presença da ideologia das aptidões naturais no espaço escolar, bem como a análise da coexistência conflituosa entre esse segmento da ideologia de classe dominante e a ideologia pequeno-burguesa e professoral da competência adquirida.

Referências

- BADIOU, Alain. *De l'idéologie*. Paris: Maspero, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- _____; PASSERON, Jean-Claude. *La Reproduction; éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Minuit, 1970.
- _____; _____. *A reprodução; elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- _____; _____. *Les héritiers; les étudiants et la culture*. Paris: Minuit, 1964.
- DURAND, José Carlos G. (org.). *Educação e hegemonia de classe; as funções ideológicas da escola*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro-São Paulo: Forense, 1970.
- ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.
- MASSON, Maressa T.C. *O perfil ideológico do docente da rede pública estadual; um estudo de caso*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2007. Dissertação de mestrado em Educação apresentada à Faculdade de Educação e Letras.
- TAYLOR, Frederick W. *Princípios da administração científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1976.
- WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

Endereço para correspondência:
Universidade Metodista de São Paulo
Av. Senador Vergueiro, 1301
São Bernardo do Campo - 09750-001
(11) 4366-5408
E-mail: anaphey@uol.com.br.

Recebido: 30/8/2007
Aceito: 10/9/2007